

# A morte não é ainda vivenciada como fazendo parte da vida...

A intervenção do Enfermeiro durante o período de doença que antecede a morte pode fazer a diferença no significado que a pessoa/família atribui a esta etapa final do ciclo de vida

LINA ANDRADE  
Enf.ª Graduada - C.S. de Ponta Delgada

Os enfermeiros constituem hoje o grupo de profissionais com competências que os habilitam a cuidar a pessoa, numa perspectiva holística, durante todo o seu ciclo vital, representando uma mais-valia no acesso a cuidados de saúde, principalmente aqueles caracterizados quer pela intervenção autónoma, quer pela intervenção interdependente do enfermeiro. Os cuidados de saúde dirigem-se em pleno direito também à pessoa que vivencia a etapa final do seu curto, médio ou longo percurso de vida e à sua família, e demonstram pelo seu tipo e qualidade, o grau de desenvolvimento de uma sociedade, onde, como é o caso da nossa, é crescente o número de pessoas que, nas diversas faixas etárias, necessitam de cuidados de enfermagem numa fase específica e particular do seu ciclo vital: a fase final da vida.

O enfermeiro, pessoa que, em alturas diferentes da vida, vive o papel de cuidador e o de cliente, assume na equipa de saúde (desejavelmente transdisciplinar) o papel do cuidador de quem se esperam respostas específicas e personalizadas, num contexto de empatia e confiança, na vivência de um processo de perdas, sofrimento e morte, onde a sua intervenção como pessoa, como técnico, como acompanhante, como ouvinte, efectiva a essencial relação de ajuda, contribuindo para a diminuição dos níveis de ansiedade da pessoa e da família e para a manutenção do sentido que atribuem à vida.

O papel fundamental do enfermeiro, cuidar e promover a vida, acentua-se quando este se propõe, para além de escutar, mediar e ajudar, a descodificar o manancial de emoções vividas por cada pessoa e família, aquando de eventuais perdas e consequente vivência do luto.

Noutros tempos, era com naturalidade que se vivia a morte, encarando-a apenas e tão simplesmente como a última etapa do ciclo vital

Hoje, por questões que em parte se prendem com a possibilidade que o desenvolvimento da biomedicina e da técnica oferece de interferir no percurso das doenças, permitindo prolongar a vida e até curar algumas doenças que, no passado eram mortais.



Devemos aprender a integrar a morte no processo de vida



A pessoa em fim de vida precisa sempre de alguém que a ajude



O enfermeiro deve defender e promover o direito do doente a uma morte digna

A morte tornou-se incómoda do ponto de vista social e quase se exclui da vida do Homem onipotente de hoje.

Maioritariamente, a morte, hoje, é precedida de um mais ou menos longo período de doença, de sofrimento, de luta pela vida e onde a intervenção do enfermeiro pode fazer a diferença na vivência deste pe-

ríodo e no de luto que se segue.

Neste contexto, o enfermeiro deve, portanto, promover uma morte digna e tranquila da pessoa, acompanhado-a, e a sua família, na vivência do momento e no período de luto, subsequente, respeitando-a e ajudando-a no processo adaptativo que essa situação implica.

Cuidar a pessoa em fim de

vida e a sua família expõe sistematicamente o enfermeiro a uma dura realidade para a qual se deve preparar, objectivando quer os seus alvos de cuidados, quer a sua estabilidade como pessoa.

Esta preparação que se exige ao enfermeiro não inclui a ideia algo antiga de adoptar uma "máscara protectora" que ape-

O Enfermeiro assume o dever de respeitar e fazer respeitar as manifestações de perda expressas pela pessoa em fase terminal, pela família ou pessoas que lhe sejam próximas

nas recalca os próprios sentimentos e em nada beneficia quem necessita dos seus cuidados.

O enfermeiro tem um papel fundamental na promoção de uma morte digna, e, no processo de cuidar acaba por ser privilegiado pelo que aprende com o próprio acto de cuidar: os que vão morrendo deixam legados de intensa riqueza, assim se queira aproveitá-los interiorizando-os.

Urge retomar parte da vivência antiga da morte, integrando-a de novo na vida, em que o contacto com esta intensifica o valor que se atribui aos pormenores e torna insignificantes as grandes quezílias. ||